

Rat. A módica quantia da farsa



Garrafas, aspiradores, quando os roedores batem à porta tudo é arma

Pediram-lhe 2500€ pelos direitos de autor de um texto de Copi. Juan Mako – que hoje e amanhã se apresenta no Festival de Almada – respondeu assim, com a peça que gostaria de ter feito. O teatro dentro do teatro, a meias com um espetáculo-denúncia

MIGUEL BRANCO
miguel.branco@online.pt

Da sarjeta nada de bom. Ainda que se possa suportar o bafio dos depósitos do mundo, ainda que consigamos admitir que se a vida é um ciclo toda a matéria tem que cumprir o seu. A racionalidade também é senhora para ter limites, ninguém quer conviver com o degredo, mais ainda quando é certo que se há desperdício podemos contar com os eternos roedores. Só que o esgoto que Juan Mako, natural de Buenos Aires, aborda em “Rat” é menos taciturno, tem gente erudita e um rececionista de linguagem cordial, em suma, estes roedores andam de camisa e calças de ganga. Pelo menos é o que nos admite ter sentido quando se dirigiu à Asociación Argentina de Autores para questionar os direitos de autor de um texto de Copi [Raul Taborda Damonte, dramaturgo argentino] de 1985. Pediram-lhe 2500€ – convém realçar que estávamos perante um projeto universitário –, num daqueles instantes em que

a indecisão do que sentir ou reagir nos faz, provavelmente, pouco mais dizer do que “obrigado e boa tarde”. O que aqui está entre aspas revelou-se antes a primeira pedra de “Rat”, espetáculo-denúncia de Juan Mako sobre as ratazanas que dominam os direitos de autor na Argentina. Para ver amanhã e domingo, pelas 15h, no Teatro-Estúdio Antônio Assunção, em Almada, integrado na programação do festival que domingo termina. Não há nenhum muro que não se possa contornar. Certa que estava a impossibilidade de recorrer a Copi, Juan Mako optou por saltar o betão que tinha à frente dos olhos, dar a volta não era longe demais, era apenas algo que não lhe interessava. “De alguma forma sinto que nos fizeram um favor, estávamos a falar de um contexto de trabalho universitário, dentro de uma experimentação, mais tarde percebemos que esta circunstância nos fez perceber melhor o que queríamos dizer”, conta. Foi portanto necessário partir do que Mako já havia lido sobre esse texto, rees-

O esgoto que Juan Mako, natural de Buenos Aires, aborda em “Rat” é menos taciturno, tem gente erudita

O artista produziu uma farsa satírica que aponta sentidos como a “problemática atual do teatro independente argentino”

crevê-lo para que se situe por aqui, entre nós, nestes dias. Algo que os levou a um teatro sem recursos onde uma equipa tenta montar uma peça sem aparente sucesso, ensaia pela noite fora até que, como sempre nos acontece se ficamos à espera, batem de frente com uma notícia aterradora: “No meio desse ambiente decadente, que fomos buscar a Copi, mas também a David Lynch, sabe-se que há um bando de ratazanas a invadir a terra e a companhia começa a ser alvo de alguns eventos misteriosos. Numa das noites uma mulher rata aparece como representante das ratazanas e vem cobrar direitos de autor, avisa que não se pode falar assim daquela espécie”, conta o argentino por telefone. Qual universidade, “Rat” expandiu-se pelo desejo pacífico de cobrança partilhado por Mako e pela sua equipa, de tal forma que fê-lo vencer a Bienal para Jovens Artistas de Buenos Aires ainda durante o ano passado. Mais curioso é impossível. O artista fez do chinelo de pano sapato de gala e produziu uma far-

sa satírica que aponta em vários sentidos, desde a “problemática atual do teatro independente argentino” ao “sistema capitalista dos direitos de autor, que se apropriam de um período de 75 anos depois da morte, impedindo a sua utilização a não ser que se queira pagar”. Isto tudo é-nos dito por Mako antes de clarificar: “Isso provoca uma falência

Juan Mako parece querer confrontar-se com a aridez da inexistente autenticidade

literária enorme, é uma posição perigosa para a cultura de um país”. Dizê-lo é também assegurar que nesta rua atual que todos habitamos não há morador original. Juan Mako parece querer confrontar-se com a aridez da inexistente autenticidade. Nada vem do vazio, nada vai para o vácuo. E se isso é um dos maiores dos desencantos – permitam-nos assinar por baixo –,

sobretudo para quem se julga profundamente singular, talvez a módica quantia dos 2500€ seja uma anedota das boas. Só que rir já nem sempre é o melhor remédio.

“Rat”, amanhã e domingo, às 15h, no Teatro-Estúdio Antônio Assunção, Almada. O Festival de Almada termina segunda-feira.